

Quais são as vozes do currículo oculto?

Fabíola Cristina Melo
Maria Betânia Pereira de Oliveira
Melina Teixeira da Costa Veríssimo

Resumo: Aborda-se, neste texto, os principais conceitos acerca do currículo, enfatizando o currículo oculto e seus efeitos. O currículo oculto encontra-se presente em todo o trabalho pedagógico realizado nas escolas. Neste sentido, busca-se conhecer suas características e influência sobre questões relacionadas com a seleção e organização de conteúdos no trabalho dos professores e os reflexos na compreensão e na formação dos estudantes. Para isso, é feita uma revisão bibliográfica sem a pretensão de esgotar o tema, mas com o intuito de incitar um debate sobre as relações entre currículo oculto, identidade, cultura e relações de poder.

Palavras chave: Currículo oculto. Educação. Relações de poder.

Abstract: Addresses in this text the main concepts about curriculum, emphasizing the hidden curriculum and its effects. The hidden curriculum is present throughout the pedagogical work in schools. In this sense, it seeks to know its characteristics and influence on issues related to the selection and organization of content, the work of teachers and reflections on understanding and training of students. For this, a literature review with no claim to exhaust the subject is made, but in order to incite a debate about the relationship between hidden curriculum, identity, culture and power relations.

Keywords: Hidden Curriculum. Education. Power relations.

1. Introdução

Muitas são as discussões acerca dos conteúdos que deverão ser contemplados nas matrizes curriculares. Profissionais da educação em diversas linhas de atuação, sejam eles especialistas, dirigentes ou professores, dedicam boa parte de seus trabalhos a selecionar conteúdos que acreditam ser adequados aos seus respectivos processos educativos.

A discussão sobre o currículo está presente em diversas e intermináveis pautas de reuniões no contexto educacional. Entretanto, talvez pelo conservadorismo peculiar, ou mesmo pela padronização do currículo pelo sistema escolar,

muitos destes profissionais se ocuparam, por muito tempo, em reproduzir o que estaria “dito” pelo sistema.

Dessa forma, o que se percebe é um forte mecanismo de “pseudoautonomia” concedida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais em que cada instituição se vê como “dona de um saber”, quando em verdade, estaria submetida a um enquadramento, ora dito pelo poderio mercadológico, ora pelo poderio em geral. Então, será que essa autonomia existe na realidade? As instituições podem escolher o que pode ou o que deve trabalhar? Qual significado traz a palavra currículo para o âmbito educacional?

Segundo Moreira (2000, p.11), o currículo, visto nessa perspectiva “constitui significativo instrumento utilizado por diferentes sociedades tanto para desenvolver os processos de conservação, transformação e renovação dos conhecimentos historicamente acumulados como para socializar crianças e jovens segundo valores tido como desejáveis”.

Assim, os dizeres de Moreira (2000) validam a concepção de uma “pseudoautonomia” dada às instituições, mencionada anteriormente.

Muitas vezes, o currículo é concebido, também, como apresentação de conteúdo por meio do direcionamento de disciplinas que diagnosticam a realidade. Nas palavras de Sacristán:

O currículo aparece, assim, como o conjunto de objetivos de aprendizagem selecionados que devem dar lugar à criação de experiências apropriadas que tenham efeitos cumulativos avaliáveis, de modo que se possa manter o sistema numa revisão constante, para que nele se operem as oportunas reacomodações. (SACRISTÁN, 1998, p.46)

Sacristán (1998) elucida algumas questões referentes ao currículo em relação aos objetivos selecionados. O que pode ser visto, algumas vezes, é que ao selecionarmos os objetivos a serem trabalhados, damos lugar à criação de várias experiências que reacomodam as antigas.

Vários autores questionam o currículo em sua definição ampla. Mais do que uma simples conceituação, é necessário alguns questionamentos sem a pretensão de respondê-los: de quem são os significados reunidos e distribuídos através dos currículos declarados e ocultos nas escolas? O que são currículos declarados e ocultos? É importante sabermos os limites das fronteiras entre esses dois tipos de currículo. É preciso fazer uma análise sobre qual currículo vem sendo trabalhado, conhecer seu real significado e o sentido do poder que o currículo oculto exerce sobre a prática pedagógica, ao se materializar dentro e fora da sala de aula.

Atualmente, as práticas educacionais vêm incorporando aos elementos do currículo explícito os chamados conteúdos simbólicos, que vão além daqueles observáveis e lecionados em sala de aula. Tal discussão vem se ampliando, pois é sabido que muitas são as nuances na prática educativa que ora se revelam e ora se escondem aos olhares desatentos dentro e fora do ambiente escolar.

Pesquisadores críticos e pós-críticos têm se interessado pelo conceito de currículo oculto, uma vez que se verifica que seus efeitos na “transmissão” de valores, na socialização e nas atitudes dos alunos têm sido maiores do que aqueles que são observados na utilização do currículo oficial da escola.

O texto que segue, portanto, busca abordar as diversas faces do currículo oculto e seus efeitos no meio educacional. O intuito desse artigo é lançar um olhar, relacionando o currículo oculto com questões inerentes a sua atuação como identidade, cultura e poder.

Para tal, primeiro há de se fazer um estudo sobre os principais conceitos acerca do currículo. Em seguida, faremos uma discussão sobre o currículo oculto, utilizando-se de uma visão pós-crítica para a abordagem do tema.

2. Os conceitos de currículo

Em todo ambiente escolar há a presença inerente de uma estrutura curricular. Por meio dela, são construídas as relações de conhecimento, cultura e poder. Nesse sentido, o currículo direciona disciplinas e experiências, formando a trajetória de alunos e professores. É fundamental entender o real significado do termo currículo e sua grande importância em todo o trabalho pedagógico. Para tal, impõe-se uma pesquisa fomentada por uma reflexão crítica.

É fundamental que todos os professores compreendam os fundamentos do currículo, tendo em vista o determinante papel da estrutura curricular na atuação do docente e os reflexos na compreensão e na formação de seus alunos. Essa compreensão perpassa pelo conhecimento acerca da abrangência do currículo.

Assim, o currículo, muitas vezes, é compreendido como programa de conteúdos, matriz curricular ou como norteamento de disciplinas. Porém, tal termo possui um significado mais complexo e amplo do que como comumente é conhecido e debatido. Se verificarmos a palavra latina “curriculum”, que deu origem ao termo currículo, temos “curso, rota, caminho.”

Nessa linha, Goodson (1996) define o currículo como um percurso a ser seguido, como conteúdo apresentado para estudo.

Esses dizeres corroboram a ideia que o currículo tem de ser um percurso, uma trajetória a ser percorrida. Outros autores aprofundam mais o conceito de currículo, trazendo uma concepção mais dinâmica para esse conceito. Para autenticar essa concepção de dinamismo, de circularidade que o envolve o currículo, Corazza (2001) assevera que, por meio do currículo,

identificamos significantes, significados, sons, imagens, conceitos, falas, língua, posições discursivas, representações, metáforas, metonímias, ironias, invenções, fluxos, cortes...(...) Ao atribuir essa condição “linguajeira” a um currículo, dizemos que a natureza de sua discursividade é arbitrária e ficcional, por ser histórica e socialmente construída. Que seu discurso fornece apenas uma das tantas maneiras de formular o mundo, de interpretar o mundo, e de atribuir-lhe

sentidos. (...) Que um currículo, como linguagem, é uma prática social, discursiva e não-discursiva, que se corporifica em instituições, saberes, normas, relações, valores, modos de ser sujeito. (CORAZZA, 2001, p. 9-10)

Não se pode deixar de mencionar o poder que o currículo exerce no discurso de professores e alunos. O discurso, assim como o currículo, pode ser ve-lado, oculto, e isso, fornece parâmetros para a formulação e ou interpretação do mundo por meio de novas e variadas percepções acerca das ações educativas.

Outrora, o currículo possuía, primeiramente, e principalmente, padrões tecnicistas, onde imperava o controle da eficiência social por meio de objetivos educacionais e avaliações, hoje, essa imagem tecnicista foi sendo substituída pela atribuição do sentido de discursividade que carrega em seu bojo conceitos que vão além do conteúdo.

Autores como Apple (1989) e Silva (2000) deram um maior aprofundamento nas questões curriculares que passaram, a partir da década de oitenta, a discutir o currículo como efeito de estruturas de poder político e econômico. Essas discussões contribuíram para o aprofundamento conceitual do currículo.

Esse aprofundamento pode ser traduzido pelas palavras de Silva e Moreira (2000) que pontuam, ainda, que nas escolas não se aprende apenas conteúdos sobre o mundo natural e social; adquire-se, também, consciência, (...) que comanda as relações e os comportamentos sociais.

Ao se abordar as ideias trazidas pelos autores acerca da evolução conceitual do currículo, podemos observar que na organização do currículo há a presença não só de elementos pedagógicos, mas também, de elementos políticos, sociais, econômicos e culturais que trazem reflexos para a vida em sociedade.

3- o currículo oculto: de onde surgem suas vozes?

A questão central deste artigo é o papel e os efeitos do currículo oculto no âmbito escolar. De onde ele vem? Qual seu significado para a trajetória escolar e para a sociedade como um todo?

Partindo desse pressuposto, precisamos refletir sobre o conceito de currículo e como o educador lida com as complexas dinâmicas de ação e concepções que envolvem esse conceito. Assim, o currículo deve ser percebido como processo dinâmico que envolve múltiplas relações abertas em variados âmbitos.

Para Silva (1995), currículo oculto é o reflexo dos efeitos de aprendizagem não intencionais que se dão como resultado de certos elementos presentes no ambiente escolar. Ele designa dois aspectos. O primeiro refere-se às práticas e processos educativos que induzem resultados de aprendizagem que não foram explicitamente propendidos. O segundo, refere-se aos efeitos educativos provocam a partir do que foi almejado pelo currículo formal.

Por currículo formal entendemos tudo aquilo que foi contemplado no plano de ensino e aprendizagem, seus objetivos, seus conteúdos e atividades. Tudo aquilo que foi definido com fins de promoção da aprendizagem.

O currículo é o meio pelo qual a escola se organiza, propõe os seus caminhos e a orientação sobre o que, quando e como ensinar e sobre o que, quando e como avaliar

E o currículo oculto? O que seria? Silva (2000) assevera que o currículo oculto pode ser entendido como um conjunto de atitudes, valores e comportamentos que não fazem parte de forma explícita do currículo formal, porém, são implicitamente “ensinados” por meio das relações sociais, dos rituais, das práticas e da configuração espacial e temporal da escola.

O currículo é uma construção cultural e, como tal, transmite ideologias e concepções impostas por grupos dominantes que embasam e frutificam desigualdades sociais, culturais, raciais, de gênero, dentre outras. Coerente com esta reflexão observa-se por que é tão importante e necessária a discussão sobre o papel do currículo oculto e seus efeitos no âmbito educacional e para a sociedade como um todo.

Percebe-se, ainda, que o currículo oculto é influenciado pelo momento histórico em que se apresenta, direcionando o conhecimento a ser transmitido e debatido no meio escolar.

O processo de seleção e organização dos conteúdos a serem estudados em uma escola não é neutro nem tampouco imparcial. É fruto de escolhas e decisões. Para Sacristán (1998), é, sobretudo, uma decisão política. Ao definirmos o currículo, de certa forma, estamos delineando os conceitos da escola. Essa seleção de conteúdo se apresenta por meio de conflitos, lutas e negociações, visando a garantir a hegemonia de certos saberes e assim garantir a imposição de determinadas visões de mundo.

O conceito de currículo oculto, apesar de sua utilização crítica tem sua origem na sociologia funcionalista. Seu conceito foi usado pela primeira vez por Jackson (1968) como sendo o uso combinado do elogio e do poder. Para ele, o professor e o aluno devem dominar esse jogo para se dar bem na escola.

Mas, a origem da noção de currículo oculto é anterior, pois em 1938, John Dewey referiu-se a uma “aprendizagem colateral” de atitudes que ocorrem de modo simultâneo ao currículo explícito.

Muitos professores sequer possuem a consciência da existência do currículo oculto que se encontra em toda relação pedagógica. A experiência do professor para transmitir a disciplina é uma das formas de currículo oculto. Geralmente, o currículo oculto encontra-se invisível para os estudantes, encoberto por questões relacionadas à política, ao social e ao próprio sistema.

Para Torres Santomé (1994), a discussão a respeito do currículo oculto nos faz perceber o significado de práticas e rotinas que, até pouco tempo, passavam despercebidas. Por meio delas, alunos aprendem e interiorizam formas acríticas e irreflexivas de viver no atual modelo de sociedade.

O desenvolvimento do currículo oculto funciona de maneira implícita por meio dos conteúdos sociais, culturais e políticos do dia-a-dia, de interações e tarefas escolares. Torres Santomé (1994) acrescenta que este currículo é responsável pela reprodução das principais dimensões e peculiaridades da esfera econômi-

ca da sociedade. Ou seja, o currículo oculto está presente em todo o cotidiano escolar sob a forma de aprendizagens não planejadas. É, também, efeito da postura pedagógica de administradores, diretores, professores, das relações interpessoais desenvolvidas na escola e da forma como os alunos são levados a se relacionarem com o conhecimento.

De suma importância é focar o currículo oculto como uma preocupação pedagógica que vai além do conteúdo oficial presente nas escolas. Tal postura permite analisar valores, comportamentos, conceitos e pré-conceitos que são compartilhados entre os sujeitos escolares e que terão uma grande participação na formação da subjetividade e identidade dos estudantes.

4- Currículo oculto: identidade, cultura e poder

Sabe-se que o currículo modela-se dentro de um sistema escolar concreto, assim, segundo Silva (2001), a produção das identidades culturais é um dos efeitos mais importantes das práticas culturais. Esse mesmo autor afirma que há um conjunto de conteúdos pedagógicos – as disciplinas – que se intitulam currículo prescrito. Ele abarca não só a disciplina a ser trabalhada, mas também a metodologia e os mecanismos de avaliação; enquanto que o currículo oculto é a somatória das normas, das crenças, das relações sociais e dos valores que são transmitidos de forma velada.

Assim, ainda, destaca Silva (2004), currículo oculto não aparece de forma prescrita ou explícita no currículo oficial, ele é um poderoso instrumento de formação das identidades dos alunos e os valores nele estabelecidos são transmitidos através dos gestos, olhares, inclusão, valoração, atributos baseados em binarismos como bom/mau, belo/feio, legítimo/ilegítimo etc.

O significado do currículo é dado pelos próprios contextos em que se insere, ou seja, o contexto de aula, pessoal e social, histórico escolar e o político. Assim, toda a prática pedagógica gravita em torno do currículo, pois ele é o cruzamento de práticas diferentes e multicontextualizadas dentro e fora da escola.

Dentro da linha de raciocínio de Silva (2001), e ao se atentar para o fato de que currículo oculto é documento de identidade, percebe-se que este pode ser um elemento construído e estruturado num grupo social com representações utilizadas para “forjar a sua identidade e as identidades dos outros grupos sociais”. Isso equivale a dizer que múltiplas vozes aparecem em torno do currículo. Muitas delas ecoam do que foi dito e posto no currículo; outras, emanam do silêncio, daquilo que não está posto explicitamente. O currículo traz múltiplas e diferentes vozes advindas do social, do cultural e do político.

Assim, faz-se necessário compreender a identidade que existe como fenômeno produzido pelo currículo oculto. Para se pensar nesta possibilidade de uma identidade gerada no espaço escolar, parte-se do princípio de que as pessoas na escola constroem ideias e representações sobre as disciplinas e os rituais que compõem este universo, formando identidades e subjetividades. As identidades, bem

como a subjetividade, podem ser (re)produzidas não só a partir do que é posto no currículo formal, mas também das vozes do currículo oculto.

Giroux (1986, p. 71) ao tratar do conceito de currículo oculto afirma que “as normas, valores e crenças imbricadas e transmitidas aos alunos através de regras subjacentes estruturam as rotinas e relações sociais na escola e na vida da sala de aula”. Essa compreensão de currículo oculto estabelece que o mesmo não funciona apenas como um “instrumento de socialização e de identidade”, mas é também um “órgão de controle social”.

Vale a pena destacar que o currículo oculto contribui mais para a socialização política de um estudante do que as aulas impostas pelo currículo prescrito. Dessa forma, há relação de poder nas identidades constituídas pelo currículo oculto que geram relações sociais e políticas que permeiam as instituições educacionais. O currículo oculto não está imune às lutas que envolvem o poder. O conhecimento visto como ideal a ser trabalhado no ambiente escolar é determinado pelo grupo dominante, sendo que o conhecimento de outros grupos dificilmente ultrapassará os muros escolares.

O currículo oculto reflete a seleção de significações, a cultura, a identidade dos grupos sociais e a discussão de poder. Ele nunca é uma simples montagem neutra. Ele é produzido pelos conflitos e pelas tensões que circundam o nosso ambiente, refletindo as relações de poder entre os atores que convivem na escola. “Então, planejar currículo implica tomar decisões educacionais, implica compreender as concepções curriculares existentes que envolvem uma visão de sociedade, de educação e do homem que se pretende formar.” (VEIGA, 1991, p. 83)

Portanto, o currículo oculto pode ser visto como trabalho pedagógico que ocorre em torno de três dimensões centrais: identidade, poder e cultura. Essas três dimensões constroem as relações sociais e pedagógicas na e da escola. A realidade cultural de uma escola tem muito a ver com a significação e ao tratamento dado aos conteúdos explícitos ou não nos currículos escolares.

Considerações provisórias

Ao se tratar de um tema tão amplo e repleto de nuances não há que se falar em considerações finais, mas na provisoriedade do estudo que demanda contínua pesquisa em respeito aos diferentes momentos políticos e históricos que influenciam o discurso e, sobretudo, o currículo.

Sem a pretensão de esgotar o debate, o texto se propôs a desconstruir a neutralidade e a imparcialidade da convencional estrutura curricular.

Buscou-se demonstrar, por meio de uma pesquisa bibliográfica e dentro de uma visão pós-crítica, que o currículo vai além de um simples programa de ensino e aprendizagem embasado por disciplinas. O currículo tem sua formalidade prescrita, mas inerente a ele encontra-se o currículo oculto que, implicitamente, o norteia com pinceladas políticas e histórico-sociais.

Analisou-se, também, que seleção, atenção, cuidado e senso crítico devem acompanhar todo o trabalho pedagógico que dimensiona tanto o currículo

oficial/formal quanto o currículo oculto, tendo em vista que produzem valores, comportamentos, conceitos e pré-conceitos que são compartilhados entre os sujeitos escolares e que terão uma grande participação na formação da identidade, da cultura e das relações de poder.

Várias vozes circulam o currículo oculto. Essas vozes norteiam, mesmo que de forma velada, o trabalho dos professores, que, muitas vezes, não são percebidas por eles. A atuação profissional dos professores está condicionada pelo papel que lhes é atribuído no desenvolvimento do currículo.

As análises e estudos sobre o currículo surgem como uma tarefa de gestão administrativa e pedagógica. Por inúmeros anos, o currículo oculto passou despercebido e para muitos era até desconhecido. É chegado o momento de se conhecer as vozes do currículo oculto para que o trabalho pedagógico seja um exercício de troca de conhecimentos e de realidades de vida e não mais uma reprodução parcial do sistema e da classe social dominante.

O currículo oculto está presente na realidade de qualquer instituição escolar e sua grande influência afeta a aprendizagem dos alunos e o trabalho dos professores. Representa a natureza inconsciente do cotidiano escolar e modela práticas, atitudes, comportamentos, gestos, percepções de todos envolvidos no processo de aprendizagem.

Na medida em que aspectos inconscientes, porém legítimos são considerados como parte inerente ao processo de aprendizagem, mais compreensíveis ficam as relações de poder que este instrumento chamado “currículo” é capaz de estabelecer.

Referências

APPLE, M. **Ideologia e Currículo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

APPLE, M.W. **Política cultural e educação**. São Paulo: Cortez, 2000.

APPLE, M. W. Repensando ideologia e currículo. In: MOREIRA, A. F. e SILVA, T. 4. T. da. **Currículo, cultura e sociedade**. 4ed. São Paulo, 2000.

CORAZZA, Sandra. **O que quer um currículo?** Pesquisas pós-críticas em Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

GIROUX, H. **Teoria crítica e resistência em Educação**. Petrópolis: Vozes, 1986.

GOODSON, I.A **construção social do currículo**. Lisboa: Educa, 1996

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MOREIRA, A. F. e SILVA, T. T. (org.) **Currículo, cultura e sociedade**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sob a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SANTOS, L. L.C.P e MOREIRA, A. F. Currículo: questões de seleção e organização do conhecimento. In: **Caderno Idéias**. n.26, São Paulo: FDE, 1996.

SILVA, Maria Vieira. CUNHA, Myrtes Dias (Org). Políticas e práticas docentes alternativas em construção. In: **O enfoque do negro no currículo escolar: algumas possibilidades de ressignificação**. Edufú, Uberlândia, 2004.

SILVA, T. T. **Territórios contestados**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, T. T. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, T. T. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TORRES SANTOMÉ, J. **El curriculum oculto**. 4.ed. Madrid: Morata, 1994.

VEIGA, I.P.A. & CARDOSO, M.H.F.(orgs.). **Escola fundamental: currículo e ensino**. Campinas, SP: Papirus, 1991. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico)

* **Maria Betânia Pereira de Oliveira:**

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9887590391639605>

* **Melina Teixeira da Costa Veríssimo:**

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3641763964983247>

* **Fabíola Cristina Melo:**

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7562140821449924>